

# MIMO URBANO

Milena Sapucaia<sup>1</sup>

## RESUMO

Um gesto, uma experiência estética e gráfica, que desperta o observador a perceber que se vê apenas o que se quer ver e, por isso, mal chegamos a olhar. "Coisas", belezas urbanas que tenderiam a ficar despercebidas por causa da rotina ou inertes por falta de uso, transformam-se em cenário para a aventura de uma Personagem na cidade de São Paulo. Longe de proporcionar fantasias escapistas, Mimo Urbano é um trabalho disposto a questionar os efeitos da eco-eficiência sobre as relações humanas e o nosso papel na sociedade.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Cidade. Sustentabilidade. Sociedade e Ilustração Contemporânea.

## ABSTRAT

A gesture, an aesthetic and graphic experience, which motivates the viewer to recognize that we only notice what we want to see. In this way, we do not look to the surroundings properly. "Things", such as urban beauties tend to become negligible due to the routine or lack of use, however, in this assignment they are transformed into scenario for the adventure of a Character in the city of São Paulo. Mimo Urbano is far from providing escapist fantasies, it is an assignment which questioning the effects of eco-efficiency on human relationships and our role in society.

**Keywords:** Architecture. City. Sustainability. Society and Contemporary Illustration.

---

<sup>1</sup>Arquiteta e Urbanista natural da Bahia (UFBA). Especialista em Arquitetura, Cidade e Sustentabilidade pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, 2013. Idealizadora do perfil Milemagrela em [www.facebook.com/milemagrela](http://www.facebook.com/milemagrela). Desenhista por acaso. Gosta tanto de música quanto de dendê. E-mail: [miles\\_sapucaia@hotmail.com](mailto:miles_sapucaia@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a Arquitetura será o plano de discussão usado para tratar a relação entre cidades e pessoas. Do diálogo entre uma personagem ilustrada e o meio ambiente, - constituído por diferentes grupos sociais, percepção de espaços, identidades e de fundamentos de sustentabilidade ambiental<sup>2</sup> - desenvolve-se uma reflexão sobre a escala urbana<sup>3</sup> no imaginário humano, destacando-se que este último se materializa nas “ilustrações” e imagens da personagem.

O trabalho resulta em um conjunto de fotografias obtidas através da inserção da personagem (feita de papel recortado) no espaço urbano, em uma ação de poucos minutos, que visa incentivar seus moradores a estarem mais atentos ao que acontece ao seu redor, provocando a receptividade dos sentidos e emoções, além de obter uma experiência visual sobre a relação entre proporção e percepção da cidade.

Este trabalho dá enfoque à questão social sob uma perspectiva sustentável, faz-se uma apreensão poética e política do cidadão, da cidade e do uso do espaço coletivo.

Segundo DEWEY (2010), a arte tem, sim, uma função moral: eliminar o preconceito, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber. O verdadeiro problema é como superar os obstáculos psicológicos, sociais e políticos que nos impedem de vir a conhecer e compreender uns aos outros.

Assim, pressupondo que o desenho é também uma forma de comunicar, criativamente, a percepção que o indivíduo tem dos ambientes que ocupa e de si mesmo, o grafismo é escolhido como a ferramenta para ressaltar a importância da imaginação e do potencial de expressão, como recurso na construção de conhecimentos, de leituras individuais e da integração de experiências originadas em variados contextos.

O ensaio fotográfico, como parte do crescimento psicológico<sup>4</sup> da personagem, constitui o elo representativo das relações de vivências entre a cidade e o desenvolvimento social: Reciprocidade, sentimento afetivo, cognição, equilíbrio e poder (desenvolvido entre Cidade x Indivíduo e entre Pessoas x Indivíduo).

Deste modo, a personagem retrata a vida cotidiana na cidade de São Paulo, mostrando que, atualmente, vive-se em uma cidade grande sob programações básicas de convivência, quase cegos para as pequenas gentilezas urbanas, para as injustiças que passam diante dos olhos e que são justificadas pelas frustrações da imensa escala urbana.

Este trabalho que considera o indivíduo como centro da discussão e reflexão sobre a relação entre proporção e percepção da cidade, dá enfoque a questão social sob uma perspectiva da sustentabilidade ambiental, usando o desenho como recurso para criar a personagem por meio da qual se expressa o entendimento que o indivíduo tem dos ambientes em que habita.

Dessa forma, é interessante destacar os conceitos provenientes de recursos artísticos como o do desenho e de seus elementos tais como a cor, o grafismo e a escala, tratados nos fundamentos de Wong (2001) e de

Montenegro (2001) e, também, das pesquisas e conceitos sobre cor, publicados pelo professor Modesto Farina (2006).

A criação das imagens é o resultado da fusão de três linguagens de representação: desenho arquitetônico, perspectiva e fotografia; bem como da interação entre escala, grafismo e cor.

Da relação de todos esses elementos, origina-se a personagem e se estabelece seu diálogo com o meio ambiente, cuja interpretação, análise e reflexão consideram a visão sociológica de Zygmunt Bauman (2008), de design de Cardoso (2012), de arquitetura e urbanismo de Jaime Lerner (2005) e Lúcio Costa (1995) e a de sustentabilidade, segundo Edwards (2005), presentes na política econômica, social e ambientalista.

Foram também contemplados os fundamentos de arquitetura e escala humana, segundo anotações das aulas ministradas pelo professor Gil Andrade<sup>5</sup> para análise da representação de identidade.

Seguem abaixo discriminados os aspectos que nortearam as interpretações, análises críticas e reflexões que contribuíram para execução deste artigo.

## **ENTRELINHAS**

Ontem o quarto dos fundos, hoje a sala principal: A sustentabilidade é o princípio da lógica e coerência para a preservação da vida e do bom relacionamento do homem com o meio. É um sistema complexo, pois atende a um conjunto de variáveis interdependentes que deve ter a capacidade de integrar as questões sociais, políticas, culturais, energéticas, econômicas, ambientais e que garanta a estabilidade dos impactos gerados pela superpopulação.

O uso sustentável dos recursos naturais, segundo o Relatório Brundtland<sup>6</sup> (1987), deve suprir as necessidades da geração presente sem afetar a possibilidade das gerações futuras serem providas nas suas carências. Para analisar esse conceito sistêmico e sinérgico, antes de passar pelos grandes grupos humanos, deve-se considerar o indivíduo como a base para resolver as questões e as necessidades primárias do ser humano. Não se tem como avançar para estudos de comportamentos de massa sem discutir o individual, é preciso respeitar o ser humano, para que este possa respeitar a natureza. Sem considerar a questão social, não há sustentabilidade. E do ponto de vista do ser humano, ele próprio é a parte mais importante do meio ambiente. O conceito de sustentabilidade abarca a compreensão das noções de eficiência: econômica, ambiental e social.

Assim, do ponto de vista da eficiência social três aspectos devem ser considerados: A contemplação da dimensão social na prática das políticas públicas; os aspectos práticos da dimensão social na sustentabilidade e a perspectiva dinâmica da sustentabilidade pluridimensional e seus novos recortes. Ao se buscar a eficiência social deve-se considerar a evolução dos requisitos de sustentabilidade, a opinião pública e o próprio avanço da sociedade, no que se refere à operacionalização do conceito de desenvolvimento sustentável.

## **ZONEAMENTO**

Neste trabalho, a cidade de São Paulo é o espaço que será analisado, tomando-se o bairro da Vila Mariana como recorte, pelo fato deste logradouro se constituir um ícone, dado o seu valor histórico na formação da sociedade paulistana.

O trecho escolhido para a intervenção na Vila, tem como ponto de partida e referencial temático, as ruas e marcos arquitetônicos próximos a Faculdade de Belas Artes, perfazendo um total de 2,8 quilômetros de representação da diversidade de São Paulo. Por ser um centro de referência de uma das zonas de moradia tradicionais da cidade, a Vila Mariana serve de cenário para expor as diversas facetas do cotidiano paulistano.

Em um passeio solitário da personagem pelo bairro, abordam-se aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais que estão sendo esquecidos pela sociedade moderna no percurso da construção de sua identidade, oferecendo ao observador elementos que o levem a repensar sua forma de ver o mundo.

São Paulo cresce descontrolada e imperfeitamente. É uma cidade superpovoada - um aglomerado de gente vindo de diferentes partes do mundo -, que contém em si, quase o país inteiro. Zona Urbana em que, vertiginosamente, se constroem milhares de prédios, todos os dias, dos mais diversos estilos, formas e tamanhos e na mesma velocidade, os destroem sem nenhum critério. Ao lado de um prédio alto, luta pela existência uma casa com jardins; ao lado de um edifício tecnológico, um imponente neonada; vêem-se parques e jardins espremidos em muito aos arranha-céus, onde a eco-eficiência bate de frente com as questões sócio-culturais e definições de sustentabilidade.

Nas grandes avenidas e nas pequenas ruas, verifica-se uma competição das calçadas que se sobrepõem, grosseiramente, com grades que invadem os passeios e estes, seguem por declives que se ligam de forma irregular, sem preocupação ética, estética ou de segurança. Uma mudança pessoal pode ocorrer, conforme as sugestões de Lerner<sup>7</sup>, quando se atenta para o fato de que cada vez mais, a maior atração turística de uma cidade ou região será a qualidade de vida de sua população.

O conjunto de imagens de Mímo Urbano convida o leitor-observador a sair do script inventado como padrão para a vida e fazer uma autocrítica sobre sua parcela de anonimato e descuido com a cidade, além de despertá-lo para um modo particular de enxergar e de interpretar a vida em uma cidade grande.

## **CENÁRIO**

A Arquitetura é primeiramente construção, mas, construção idealizada com o desígnio fundamental de compor e organizar o espaço para determinada finalidade, com uma intenção específica. E nesse processo essencial de ordenar e expressar-se, ela se revela igualmente arte plástica, uma vez que nos inumeráveis problemas com que se defronta o arquiteto, desde a concepção do projeto até a conclusão efetiva da obra, há sempre,

para cada caso específico, certa margem final de opção entre os limites máximo e mínimo determinados pelo cálculo estrutural, indicados pela técnica, limitados pelo meio, reclamados pela função ou impostos pelo programa.

Cabe ao arquiteto somar, aos seus conhecimentos técnicos, o sentimento individual que ele tem de artista e, assim, escolher na escala dos valores contidos entre dois valores extremos, a forma plástica apropriada a cada particularidade, em função da unidade última da obra idealizada.

Diante do exposto, arquitetura como construção, segundo COSTA (1995), neste artigo, é a composição do cenário e pode ser concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa.

### **PERSPECTIVA**

Conforme DUCHER (2001), na história da arte, o termo perspectiva é empregado de modo geral para designar os mais variados tipos de representação de profundidade espacial. A perspectiva, neste trabalho, é usada como uma técnica de representação do espaço tridimensional numa superfície plana, para que a imagem, obtida pelo primeiro plano composto pela figura de 8 cm de altura, se aproxime daquela que se apresenta à visão do todo da cidade, cujas representações têm grandes dimensões e o efeito de diminuição por afastamento do observador confere boa noção do que foi projetado.

### **FOTOGRAFIA**

Tem sua origem etimológica do grego [fós] ("luz") e [grafis] ("estilo", "pincel") ou [grafê] ("desenhar"), ou seja, significa desenhar com luz e, portanto, com contraste. É, essencialmente, a técnica de criação de imagens por meio de exposição luminosa, fixando-as em uma superfície sensível, segundo FERREIRA (1988).

Neste trabalho, o objetivo da fotografia é fornecer subsídios para a interpretação da realidade, não apenas copiar momentos estanques. Para interpretação e análise das mensagens, deve-se levar em conta, conforme BARTHES (2000), o contexto, o momento, os ícones que se mostram na imagem, cabendo ao observador acrescentar a esses elementos seu repertório e sentimento.

### **ESCALA**

As imagens do passeio da personagem de Mimo Urbano na cidade de São Paulo revelam o caminho percorrido por ela, sinalizando os locais onde houve a captura da fotografia. Esses locais fotografados servem para representar alguma parte do espaço geográfico, permitindo que se mapeiem pontos de referência, orientando as áreas de lazer, patrimônios culturais ou qualquer outra coisa que o identifique.

A captação desses diversos cenários da cidade, nas fotografias, apresentam situações de adversidades e que passam despercebidas ao cotidiano dos transeuntes na imensa escala urbana.

Uma demarcação rápida de pontos-chaves, ou como cita LERNER (2005), uma acupuntura<sup>8</sup> urbana para se obter reações de melhorias à sociedade e à cidade, o que pode proporcionar um sentimento de pertencimento maior e zelo, no instante em que se observa a importância de se multiplicar pequenas gentilezas urbanas feitas em um determinado local e estendendo-se para toda a cidade.

## **GRAFISMO**

As formas, as cores, os símbolos e os detalhes plásticos manifestam-se, neste trabalho, como instrumentos de criação das mensagens que se constitui o cerne das análises e reflexões.

Para alcançar o bom entendimento, opta-se por um desenho simples, cujo traço elementar das linhas e superfícies preenchidas, compõe a personagem mostrada sempre por algumas categorias próprias do desenho arquitetônico que são: vista frontal e elevação. A ilustração da personagem é bidimensional, com forma plana, sem espessura aparente, feita de folhas de papel branco sulfite 75 g/m<sup>2</sup> e com dimensões 8 cm x 2.5 cm. Como alternativa à solidez do concreto Paulistano, oferece a flexibilidade do papel, em uma clara troca de estabilidade por movimento, e de peso por leveza. É a forma plana, recortada do papel e inserida na cidade, se opondo - em contraste de tamanho - ao espaço urbano, despertando um sentido de unidade, pertencimento, tensão, estímulo sensorial e complementaridade no contexto da cidade.

## **COR**

Como afirma FARINA (2006), as cores, de forma geral, têm a capacidade de liberar um leque de possibilidades criativas na imaginação do homem, agindo não só sobre quem admirará a imagem, mas também sobre quem a produz.

Neste trabalho, a interpretação de uma cor pode ser determinada a partir de hábitos sociais que se estabelecem durante toda uma vida e de reações psicológicas que se fixam e norteiam as tendências individuais do repertório de cada observador.

Em uma cidade tensa, moderna, confusa e mergulhada em cores claras e sóbrias, como o cinza e o bege, a personagem é mostrada em cores monocromáticas (preto e branco), com destaque para o símbolo do coração (vermelho) que carrega em seu vestiário.

Representando o indivíduo apagado e sozinho, a personagem, inserida na cidade, relaciona-se com a paleta de cores que a envolve.

O trabalho se utiliza, nas ilustrações, do equilíbrio de apenas 03 cores: Preto, Vermelho e Branco.

**PRETO:** Usada para delinear a personagem, a cor preta lhe dá formas, contornos, expressões. Como contorno do preenchimento do branco, demarca o conteúdo do corpo, compõe a personagem e confere existência à criação. A cor preta transmite uma impressão de opacidade, de espessura e de peso às tramas de linhas que contornam a forma da personagem de Mimo Urbano.

**VERMELHO:** Na ilustração da personagem, em destaque ao monocromatismo da sua forma, optou-se em representar um coração vermelho como estampa a ser carregado no vestiário da personagem (camisa, laço para o cabelo, toucas, biquínis, bóia de braço e outros), justamente pelo fato desta cor conter significados psicológicos, físicos e terapêuticos muito expressivos.

De acordo com a psicologia das cores e a cromoterapia, o vermelho significa motivação, atrai coisas novas e incentiva o recomeço.

Vestindo personagens de super-heróis ocidentais, é a cor utilizada para sinalizar situações de urgência, perigo e que requerem ações rápidas, trazendo para si vários dos simbolismos do encarnado: a mudança, a ação e a cor da salvação (Cruz Vermelha).

Como afirma HOWARD (1999), o vermelho vivo, fisicamente associado ao coração do ser humano, simboliza seus sentimentos mais vivos, como amor, paixão e ira. Possuindo diferentes significados, é utilizado na personagem para sinalizar a autoconsciência, a revolução, o desejo de mudança, a ação e o estímulo ao amor pela cidade.

**BRANCO:** Usada para registrar o conteúdo corpóreo da personagem, a cor branca também cumpre o seu papel de curinga, ou seja, pode substituir qualquer cor.

Indicando ausência de cores, representa luz, pureza, sinceridade e verdade, além de manter o equilíbrio das formas, assinaladas pelo traçado em preto.

O branco traz leveza à imagem da personagem e por ser a junção de todas as cores do espectro, reflete todos os raios luminosos, sem absorver nenhum deles. Isso lhe faz aparecer com uma clareza máxima - luz pura- quando em contraste com a cor preta que demarca a personagem.

## ‘STRIP-TEASE’

fig 01



## RECORTES

As imagens a seguir, objetos de análise, fazem parte de um conjunto de 96 fotos que a autora apresentou para fundamentar a monografia que deu origem a este artigo. Não houve uso de manipulação de ferramentas gráficas para o tratamento das imagens (Photoshop ou similares) e também, não houve o uso de mecanismos de simulação tridimensional para a ambientação. As sinalizações (círculos) e marcações (setas) nas fotografias, analisadas a seguir, foram adicionadas após a intervenção e servem para indicar o posicionamento da personagem no cenário urbano.

Neste artigo, serão apresentadas 05 situações de intervenção, sendo cada uma composta por 03 fotografias, totalizando 15 imagens. As 96 fotos que compuseram a fundamentação teórica para a apresentação que deu origem a este artigo, fazem parte de um trabalho autobiográfico e encontram-se disponíveis para visualização através dos sites: [www.facebook.com/milemagrela](http://www.facebook.com/milemagrela) & [www.instagram.com/mimourbano](http://www.instagram.com/mimourbano).

## QUE TAL NASCER OUTRA VEZ?

fig 02



fig 03



Note-se o posicionamento da personagem no contexto (circulada em vermelho).

fig 04



Observa-se, nas figuras 03 e 04 acima, como o contexto envolve a personagem e promove a percepção do espaço (a seta vermelha indica o posicionamento da personagem).

A imagem (fig.02) apresenta a personagem, em sua infância, como se estivesse nascendo, em um mundo de consumo desenfreado, verificado pelo excesso de materiais descartados no lixo.

Nota-se a personagem em branco e preto, com um laço vermelho no cabelo, em formato de coração, promovendo ao leitor-observador, uma sensação de começo, cuidado e ingenuidade.

O contraste apresentado, entre o sair da casca do ovo (fig.02) e a lixeira toda ensacada, (fig.03) questiona o leitor-observador sobre a qualidade de vida que será oferecida para a geração futura, quando hoje se constata a ausência de atitudes mínimas, como, por exemplo, a de separar o lixo caseiro para reciclagem.

A fig.02 também ilustra essa questão do descartar, visto que a personagem nasce em meio de coisas que são descartáveis. Nas figuras 03 e 04, dado ao foco das fotografias, a personagem já integrada ao contexto, apresenta com este último uma unidade e se confunde com os demais sacos de lixo, dando a impressão de que é absorvida pelo meio e passível de ser descartada.

A “Cultura do Descarte” é uma tendência da sociedade contemporânea que acabou por tornar seus cidadãos insensíveis aos desperdícios, habituados ao supérfluo e ao esbanjamento cotidiano de alimentos e incapazes de atribuir o valor justo aos objetos de consumo, que vai além de meros parâmetros econômicos. Em muitos casos, o referido valor abrange dados de uma relação interpessoal. Isso leva a reflexão de que, em nosso dia-a-dia, o emprego do verbo cultivar e preservar não diz respeito só ao meio ambiente, mas se estende também às relações humanas. Com isso, é possível se notar como o conceito de sustentabilidade está pueril e pondo de canto os anseios dos "protocolos internacionais".

O entendimento da questão de ser ou não ser descartável conduz a afirmação de que um grande percentual de objetos e mesmo todas as pessoas são descartáveis. Desde a banalização do aborto onde se descarta a vida humana até o consumo desenfreado em que nada mais tem valor, a não ser quando substituído por um novo, tudo é medido somente pela sua utilidade imediata, quase sempre vinculada ao prazer ou à satisfação de desejos incontrolados e impulsivos.

Será que não se está realmente construindo e desenvolvendo uma sociedade do descarte por pura alienação? E será que não se vai pagar um preço muito alto por isso? Você já pensou em quando também será descartado? É importante que se preste atenção para quais são os motivos que estimulam a se querer mudar o comportamento, para que, depois de passada a emoção, a motivação não seja apenas aquilo o que sobra ou mais um número para estatísticas.

## A VIDA É MAIS DOCE QUANDO VOCÊ NÃO PENSA EM NADA?

fig 05

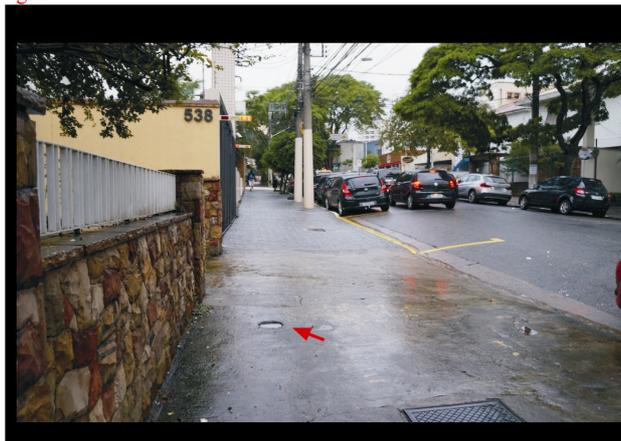


fig 06



Note-se o posicionamento da personagem no contexto (circulada em vermelho).

fig 07



Observa-se, nas figuras 06 e 07 acima, como o contexto envolve a personagem e promove a percepção do espaço (a seta vermelha indica o posicionamento da personagem).

A imagem da fig.05 mostra o relaxamento da personagem em uma imersão em águas limpas, um ambiente, aparentemente, natural que transporta o leitor-observador, através das sensações provocadas pelo visual, à reflexão sobre como atualmente o indivíduo alivia o coração das angústias de se viver em uma cidade grande e com tanta apatia ao cotidiano. Nas figuras 06 e 07, mostra-se um contraste de valores que se atribui às necessidades do corpo, no momento em que estar mais próximo à natureza é nada perto das atribuições diárias para as quais são dadas mais importância e comprometimento.

É interessante notar nas figuras 06 e 07 a proporção da poça d'água formada ao longo de uma calçada, em relação a um carro - ferramenta que atualmente simboliza o conforto da sociedade moderna e o primordial elemento para os atuais desenvolvimentos estratégicos de planejamentos urbanos. Metaforicamente, a poça representa o bem-estar, lugar da cidade onde a personagem se sente bem. Comparando-se o carro com a poça, o primeiro, mesmo sendo símbolo de bem estar, se constitui numa preocupação para o crescimento da cidade e o segundo não parece ser considerado como elemento básico para a saúde física e mental do cidadão.

Com as imagens, busca-se provocar o leitor-observador a refletir sobre a idéia de que, não existe transformação física da cidade se não houver respeito às suas necessidades primordiais e se não houver gestos de solidariedade entre as pessoas desta e das futuras gerações, manifestadas em pequenas atitudes que promovam qualidade de vida.

Com a modernização das cidades, começa-se a receber e comprar coisas embaladas demais, prontas demais, em locais acabados demais e, a cada dia, esse procedimento distancia o consumidor do que é puro e natural. Não se vê mais as coisas em estado bruto, original.

Vive-se um tempo em que são adicionadas à opinião pública novas e novas camadas de conceitos, causando uma constante nostalgia dos nossos instintos mais naturais. Imaginar um simples banho em uma reserva natural (fig.05) atrai a todos, no entanto parece impossível nos dias de hoje, uma vez que a vida nas grandes cidades sofre com a poluição, a falta d'água, a contaminação da água do mar, sem falar na lenta morte dos rios e as conseqüentes inundações.

As pessoas já se acostumaram a não colher frutas do pé e a terem plantas artificiais decorativas, porque não precisam de cuidados e atenção.

As pessoas se acostumam demais com as coisas: a morar em apartamentos pequenos, de fundos e sem vista. Acostuma-se a não olhar para fora, quisá para dentro delas mesmas. As pessoas se acostumam a coisas demais, para não sofrer. Porém, em doses pequenas, sofrem, sem perceber, que estão se afastando, cada vez mais, do que é viver. Uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá e uma eterna ausência de si próprios. Acostuma-se a ganhar tempo para poupar a vida, que aos poucos se esvai, e, de tanto ser objeto do se acostumar, extingue-se de si mesma.

## VOCÊ LEVA SEU CORAÇÃO PARA PASSEAR?

fig 08

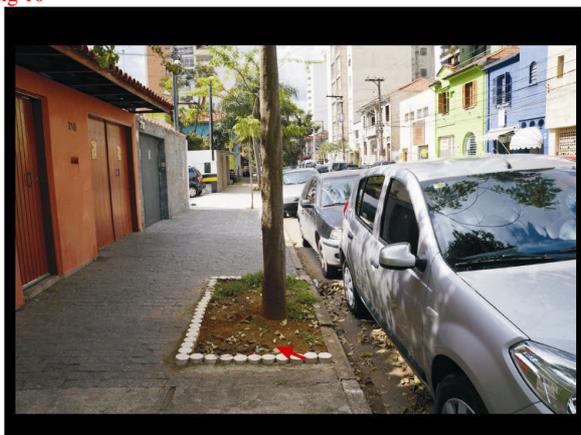


fig 09



Note-se o posicionamento da personagem no contexto (circulada em vermelho).

fig 10



Observa-se, nas figuras 09 e 10 acima, como o contexto envolve a personagem e promove a percepção do espaço (a seta vermelha indica o posicionamento da personagem).

Na imagem da fig.08, o uso da cor vermelha simboliza o que sai do peito da personagem para interagir com uma cidade imunda, cujos hábitos sociais de civilidade destorcidos provocam reações psicológicas negativas, que se estabelecem durante toda uma vida e que se fixam e norteiam as tendências individuais do repertório de cada observador.

Na imagem da fig. 08, se propõe um diálogo entre a personagem, segurando um coração vermelho preso por uma coleira (para simbolizar um animal doméstico) e o ambiente do cenário.

Neste contexto, através da fig.10, mostra-se um passeio ao ar livre e procura-se incentivar o amor pela cidade com um pequeno gesto de gentileza urbana, ilustrado por um coração sendo levado para passear em um local imundo, com fezes de animais, restos de alimentos e bitucas de cigarro, o que reflete a consciência da ausência de qualidade de vida que se quer para a cidade.

A imagem da fig.09 evidencia a necessidade de uma autocrítica que o leitor-observador deve fazer para que perceba sua parcela de anonimato e descuido com a cidade. Afinal, os canteiros são destinados às plantas e não ao acúmulo de lixo.

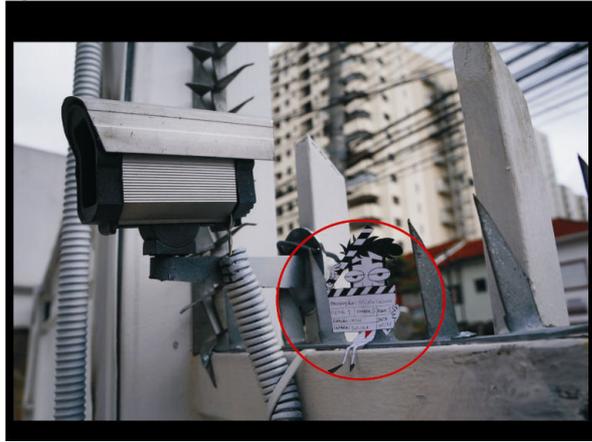
As pessoas precisam encarar a prática de coletar os dejetos como uma questão de saúde pública e uma forma de exercício dos direitos e deveres de cidadão.

## SUA VIDA SEGUE UM SCRIPT?

fig 11

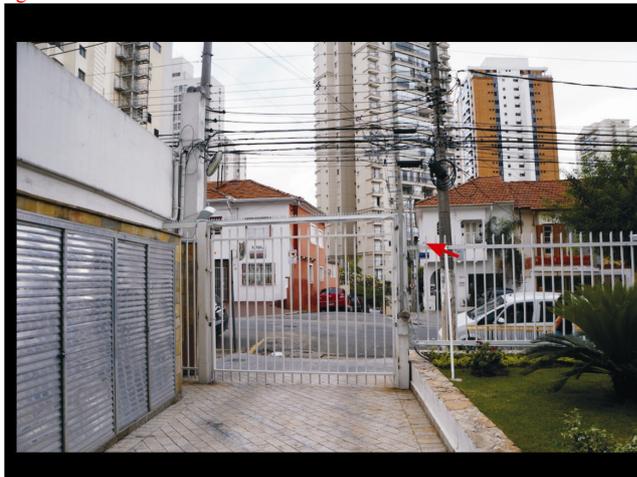


fig 12



Note-se o posicionamento da personagem no contexto (circulada em vermelho).

fig 13



Observa-se, nas figuras 12 e 13 acima, como o contexto envolve a personagem e promove a percepção do espaço (a seta vermelha indica o posicionamento da personagem).

A imagem da fig.11 faz uma crítica à identidade e ao posicionamento do indivíduo a respeito do conceito de privacidade preservada, em um momento em que a exposição da imagem através das mídias sociais e das câmeras espalhadas por toda parte da cidade parecem ser mais importantes. A justificativa para tal procedimento é oferecer segurança ao cidadão, além de provocar o favorecimento da assimilação da cidade como um centro irradiador de possibilidades e culturas.

Na imagem da fig.11, ilustra-se através do contraste da produção de um filme sobre a vida e as grades de segurança ao redor da personagem, a forma como os indivíduos lidam com a necessidade e a insuficiência de ir além do que se entende por eco-eficiência da tecnologia a favor da eficiência social.

De acordo com DEBORD (2003, p.1), toda a vida das sociedades, nas quais reinam as condições modernas de produção, se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.

Interessante observar que, nessa cultura de modernidade, o

"crescimento" das pessoas é "medido" pelos minutos de fama que elas acumulam, e não pelo crescimento pessoal, como cidadão ou ser humano de fato. Como afirma DEBORD (2003, p.36), o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, ao mesmo tempo em que se faz reconhecer como o sensível por excelência. Acrescenta-se a isso a importância de se refletir sobre a conduta das pessoas, sobre as posturas, o uso de lugares públicos, a privacidade e a individualidade, que formam a realidade perceptível.

Urge, neste momento histórico, que se faça uma reflexão sobre os conceitos de segurança e de liberdade, porque, ao abrir mão da liberdade em prol da segurança, muitas vezes, pode-se estar perdendo as duas coisas.

### VOCÊ CONSEGUE FICAR OFFLINE?

fig 14

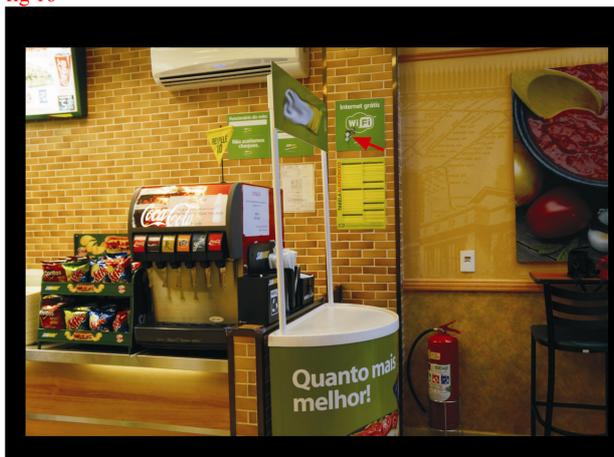


fig 15



Note-se o posicionamento da personagem no contexto (circulada em vermelho).

fig 16



Observa-se, nas figuras 15 e 16 acima, como o contexto envolve a personagem e promove a percepção do espaço (a seta vermelha indica o posicionamento da personagem).

A imagem da fig.14 apresenta o isolamento da personagem fruto da degeneração das relações sociais advindas do excesso de urbanização e do fenômeno deste período tecnológico. Uma solidão intrínseca, existissem ou não os computadores e a internet.

As figuras 15 e 16 mostram aspectos ambientais e culturais da sociedade moderna que estão sendo esquecidos no percurso da construção de sua identidade e leva o observador a repensar como tem conduzido a sua forma de ver o mundo.

A imagem da fig.14 expressa que os indivíduos tentam se libertar das amarras da solidão através da cultura virtual que as cidades têm promovido. Induz à compreensão de que o homem moderno também tem se acostumado a solidão da entrega de serviços delivery, dos fast-food, do recebimento da mensagem de texto a qualquer hora nos telefones celulares, da possibilidade de compra por internet e do uso constante das mídias sociais.

Nas imagens fig.15 e fig.16, constata-se o quanto as cidades avançaram tecnologicamente inserindo redes de internet gratuitas para os usuários, beneficiando-os e, ao mesmo tempo, ressignificando o espaço, criando dependências de consumo de uma tecnologia que reformula padrões de vida. Consumir o que é necessário, repensando o significado de "necessário" - incluindo a indispensabilidade da tecnologia nas relações sociais - é o debate que emerge dessas imagens.

Estas últimas também provocam uma discussão sobre a qualidade de vida, abstraído os assuntos relativos à poluição dos rios e derramamento de petróleo, centrando-se na idéia atual de progresso (alta tecnologia aliada a uma postura consumista), que não está conseguindo dar respostas satisfatórias à sociedade.

A cena mais vista nas ruas das cidades é a de pessoas olhando hipnoticamente para um pequeno aparelhinho de plástico. É só olhar para o lado e lá estão pessoas com os olhos atraídos pela luz do objeto que carregam na palma de suas mãos e ali ficam negligenciados por infundáveis minutos. Nada mais interessa a não ser o que está para além do alcance físico: o mundo virtual. A onipresença é a marca da geração conectada e o

mais comum é viver o aqui e também o lá, sendo tudo o que for menor do que isso, é angustiante.

Fadadas à dependência em relação às suas pequenas máquinas de comunicação, as pessoas abrem mão do mundo real para imergir em conversas à distância. Parece mais fácil interagir por meio da máquina do que interagir fisicamente. Os mais exagerados já estão garantindo que a conexão wi-fi é mais importante que a satisfação das necessidades básicas.

Ainda que tal dependência não seja catalogada como uma nova síndrome, ela pode ser preocupante: caso a presença online já se apresente maior que a presença física na vida das pessoas. É importante que o indivíduo repense sua ligação com sua pequena tela de vidro mágico. Verificar emails ou se conectar a alguma rede de internet são tarefas cada dia mais simples, difícil é ficar offline. As pessoas precisam aprender a lidar com o presenteísmo e usar a tecnologia a favor da produtividade e da qualidade de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As imagens de Mímo Urbano mostram que quanto mais se entender a cidade como integração de funções, de renda, de idade e de culturas, mais encontro, mais vida ela terá. Cada cidade tem sua história, seus pontos de referência. Tem seus locais específicos da memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade, do sentimento de pertencimento a ela. Este trabalho, realizado na Vila Mariana, que poderia ser feito em qualquer lugar no mundo, incentiva a construção de um espaço urbano mais justo, que passe por uma releitura de ocupação do solo, oferecendo a esse espaço um destino que desempenhe o seu papel social, para fazer da cidade uma forma efetiva e multiplicadora de melhorias para qualidade de vida dos indivíduos que a usufruem.

É no meio urbano, lar da maioria do povo brasileiro, que se manifestam as motivações de vida: a cultura, a convivência, os gestos, os afetos, os conflitos, a luta por direitos, o valor do trabalho, a religião, a difusão do conhecimento e a atenção à saúde. Pensar a cidade, como uma extensão das nossas casas, é um ato de respeito e de exercício da cidadania. Para que ocorra a transformação urbana é preciso, acima de tudo, que se proceda a diminuição de poluição nas ruas e a produção de novas máquinas descartáveis, como também se construa novos paradigmas de vida que alicercem as ações e guiem os padrões de relacionamento e de posicionamento das pessoas no mundo.

Mímo Urbano é uma delicada gentileza a São Paulo, um zelo pela cidade, uma ternura e cortesia ao próximo. Fazendo-se uma analogia ao teatro, é a representação de uma personagem do homem comum por uma personagem situada em diversos contextos sócio-ambientais, que instiga os observadores a refletirem sobre as condições de sustentabilidade, *lato sensu*, aí presentes através da sua consciência cívica.

Afinal, é evidente que depositar nos encontros ambientais e nas assinaturas protocoladas - sob responsabilidades mundiais e desenvolvimento sustentável - todas as esperanças de consertar os estragos

produzidos por anos de ação antrópica, é uma utopia, pois alguns danos exigem conserto e não apenas mitigação de efeitos negativos ou simples cessação de poluir. Se se pensa que ainda não ocorreram todos os resultados danosos ao planeta, muitos deles previstos numa grande proximidade, é um equívoco, visto que as pessoas não estão fazendo a sua parte.

Sem dúvida, é ótima a utilização do desenvolvimento sustentável para a propagação da idéia ambiental, consciente e informada, porém deve-se ter em mente que esse procedimento é apenas um dos muitos horizontes que se deverá buscar. Também, é necessário que se atente para o fato de que o caminho que leva ao desenvolvimento sustentável é apenas um dos caminhos que precisam ser percorridos pela comunidade mundial.

Pode parecer otimismo exacerbado, mas um futuro mais sustentável irá depender da participação da sociedade, das ações de todos, mesmo que pequenas ou com impacto somente no metro quadrado que envolve cada cidadão. É a partir do micro que se alcança o macro ambiente. Não se pode esperar que a mudança venha de decisões burocráticas dos líderes globais. É preciso construir, colaborativamente, esse “futuro que queremos”, fomentando discussões, inspirando e promovendo a mudança. Depende muito mais de ações conjuntas de conscientização, do que de um processo burocrático, como aqueles que estão sob a responsabilidade de uma cúpula oficial.

É preciso que cada cidadão se mostre confiante na efetivação da sustentabilidade para que muitos passem a acreditar que uma nova sociedade harmoniosa é possível, e lutem por isso. Que não se dobrem nem ponham embaixo do braço documentos relativos às convenções e formalidades idealistas sobre sustentabilidade, pois a mudança não virá através de promessas políticas otimistas, mas sim, através de atitudes de pessoas comuns, que buscam uma consciência mais igualitária, solidária, gentil, compartilhando e fomentando inspirações para um mundo melhor. Isto é sustentabilidade.

## NOTAS

<sup>2</sup>-Sustentabilidade Ambiental: Compreende aspectos de conservação geográfica, equilíbrio de ecossistemas, erradicação da pobreza e da exclusão, respeito aos direitos humanos e integração social. Abarca todas as dimensões sustentáveis (política, econômica, ecológica, social, cultural e espacial) através de processos complexos. SACHS (2000).

<sup>3</sup>- Escala Urbana: O termo é empregado do ponto de vista conceitual, de forma a estabelecer a escala como uma estratégia de compreensão do mundo real. Como uma representação mais específica e indicativa das relações entre os modos como o urbano pode ser geograficamente analisado, isto é, utilizando a escala de forma metodológica faz-se uma conexão entre escala espacial e conceitual, para compreender representações cartográficas, políticas (construção social) e a inteligibilidade do urbano.

<sup>4</sup>- Crescimento Psicológico: O termo é empregado, principalmente, para tratar de uma questão em que o indivíduo precisa entender-se a partir de uma atitude autocentrada e tem como objetivo alcançar a superioridade pessoal, visando uma atitude de domínio construtivo do meio ambiente e de interesse do desenvolvimento social útil e cooperativo.

<sup>5</sup>- Gil Andrade, professor da disciplina Ergonomia, cod. 0205/4, semestre 2012.2, Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo-SP, curso de Pós Graduação-Arquitetura, Cidade e Sustentabilidade.

<sup>6</sup> Relatório Brundtland- Documento elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, intitulado de Nosso Futuro Comum (Our Common Future), publicado em 1987 pela ONU.

<sup>7</sup> Entrevista com o arquiteto Jaime Lerner à Revista Digital SFI, n36 p41-Entrevista3.

<sup>8</sup> Acupuntura: A acupuntura (do latim acus - agulha e punctura - colocação) é um ramo da Medicina Tradicional Chinesa e, de acordo com a nova terminologia da OMS - Organização Mundial da Saúde, um método de tratamento complementar. O tratamento acupuncterápico consiste no diagnóstico e aplicações de agulhas em pontos definidos do corpo, chamados de "Pontos de Acupuntura" ou "Acupontos" que se distribuem principalmente sobre linhas chamadas "Mapas de Meridianos", para obter diferentes efeitos terapêuticos conforme o caso tratado. DULCETTI (1994)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BARTHES**, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

**BAUMAN**, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

**CARDOSO**, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

**COSTA**, Lúcio. **Considerações sobre arte contemporânea**. In: Lúcio Costa, Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

**DEBORD**, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. eBookLibris Brasil, Projeto Periferia, 2003.

**UCHER**, Robert. **Características dos estilos**. Tradução Maria Armentina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

**DULCETTI JUNIOR**, Orley. **Acupuntura Auricular e Auriculoterapia**. São Paulo: Parma, 1994.

**EDWARDS**, Brians. **O guia básico para a sustentabilidade**. Guanabara: GG-Gustavo Gili BRASIL, 2005.

**FARINA**, Modesto; **RODRIGUES**, Maria Clotilde Perez; **BASTOS FILHO**, Heliodoro Teixeira. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª edição revista e ampliada. São Paulo: Edgar Blücher, 2006.

**HOWARD**, Dorothy Sun. **A Psicologia das cores: As Cores em Sua Vida**. São Paulo: Madras, 1999.

**LERNER**, Jaime. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

**MONTENEGRO**, Gildo A. **Desenho arquitetônico**. São Paulo: Edgar Blücher, 2001.

**SACHS**, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

**WONG**, Wucius. **Princípios de Forma e Desenho**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.